



Açores querem extinguir cargo de representante da República na região

O chefe do Governo açoriano prepara uma proposta de revisão constitucional nesse sentido. Além do líder do PS-Madeira, também conta com o apoio explícito de Carlos César, braço direito de António Costa **Portugal, 10**



Banif: dívida do maior accionista privado fica no Santander

Rentipar, das herdeiras de Horácio Roque, deve agora 8,9 milhões ao banco que ficou com o Banif p18/19

Registados 99 casos de mutilação genital feminina em Portugal

Na maioria das situações, que ocorreram entre 2014 e 2015, a prática realizou-se quando as mulheres tinham, em média, seis anos p11

Refugiados não desistem apesar da ameaça de expulsão

Grécia anuncia que acordo entre UE e Turquia "entrou em vigor" e depois disso já morreram quatro pessoas na travessia p23



VISITA A CUBA
OBAMA QUER MOSTRAR UMA MUDANÇA EM QUE SE PODE ACREDITAR
Destaque, 2 a 7

Resposta à violência doméstica não prevê homem-vítima

Casas-abrigo são só para mulheres e crianças vítimas de violência doméstica e tratamento a agressores é só para homens. Em 80% das denúncias elas são vítimas p8



VISITA A CUBA

Noventa milhas e quase 90 anos

Cuba celebra a visita de um Presidente dos Estados Unidos a um país soberano e orgulhoso da sua História

Raquel Ribeiro

Há quase 90 anos que um Presidente norte-americano não visitava Cuba. A chegada de Barack Obama a Havana é, por isso, simbólica a todos os níveis. Não só porque muitos desses anos representam as mais de cinco décadas de revolução que em 1959 mudou o destino da ilha, com o conseqüente bloqueio económico. Mas também porque a ausência de visitas diplomáticas reflecte a longa relação de amor-ódio entre Cuba e os EUA, e sobretudo a forma como os EUA sempre olharam para Cuba.

A visita é, portanto, histórica, porque, para os cubanos, mostra que finalmente os EUA se renderam às evidências. Primeira e óbvia: o mundo herdado da Guerra Fria acabou e a inclusão de Cuba no “Eixo do Mal” de Bush Jr., em 2002, foi uma decisão anacrónica, para não dizer ridícula. A segunda: o embargo de 54 anos não fez ruir o sistema cubano, que conseguiu, a muitos níveis, apresentar indicadores de desenvolvimento humano que poderiam fazer envergonhar os próprios EUA (na saúde, por exemplo). Finalmente, a evidência de que a política arrogante dos EUA, recrudescendo quando Presidentes republicanos tomavam o poder, para agradarem à elite (reaccionária, até) de exilados cubanos na Florida, tem os dias contados.

Para Cuba, é uma vitória. Independentemente das pressões dos dissidentes, das cartas das Damas de Branco, do mau-humor dos velhos republicanos, do medo aos Castro, Obama vem mostrar que, finalmente, os EUA perceberam que podem ter um importante interlocutor regional em Cuba, estabelecendo um diálogo que muitos cubanos exigem que seja de igual para igual (e não de Golias para David), em desenvolvimento económico, abertura democrática,



A popularidade de Obama em Cuba bate quase nos 90%

segurança, direitos humanos e investigação científica – outra evidência a que os EUA se estão a render está no impressionante nível científico em Cuba, sobretudo em medicina e farmacêutica, e universidades norte-americanas há muito que pedem mais abertura ao Governo para colaborar em investigação.

Mas é sobretudo uma vitória para os cubanos, dentro e fora da ilha, hoje, fartos da velha guarda que, dos dois lados do estreito, continua abraçada a um tempo que já não existe. As 90 milhas que os separam serão poucas para todos os que vão agora poder viajar, visitar a família, fazer férias, frequentar cursos universitários (tanto nos EUA como em Cuba), sem serem considerados potenciais “gusanos” (dissidentes), uns, ou castristas, outros.

De Cuba, a visita é encarada com uma histeria colectiva, até porque Obama é, depois de Jimmy Carter, o Presidente americano mais amado na ilha. Mas há uma velha desconfiança, porque ao abraço do gigante seguiu-se sempre a mão de ferro da ideologia, e os cubanos sabem-no. O bloqueio não acabará para já, até porque Raúl Castro estará no poder até 2018. E há eleições nos EUA no Outono. Apesar das notícias sobre americanos a “salivar” com a possi-

bilidade de investimento, Cuba não tem infra-estrutura para uma “invasão” e, portanto, caberá ao regime controlar esse ímpeto e, dentro da abertura a investimento estrangeiro, manter os seus níveis de desenvolvimento humano. Os cubanos continuam a reclamar por melhores transportes, melhores serviços, aumento dos salários, o fim das duas moedas e receiam inflação, aumento da desigualdade e insegurança.

Certo é que a Cuba que hoje celebra este momento histórico tem a cabeça levantada. E mesmo aqueles que anseiam por mudança no poder, que conspiram contra o regime ou pedem até uma intervenção norte-americana, sabem que esta é a visita de um Presidente dos EUA a um país soberano e orgulhoso da sua história. E que se houve alguma conquista da Revolução, ela está na certeza de que Cuba nunca se rendeu e conseguiu construir uma identidade nacional coesa. Por isso, os cubanos também dizem: não se perguntem só o que os americanos podem fazer por nós, mas o que nós podemos ensinar aos americanos.

Raquel Ribeiro é jornalista, professora da Universidade de Edimburgo e membro do Cuba Research Forum

Uma nova oportunidade para a América Latina

Rita Siza

Não é só o último resquício de antagonismo da Guerra Fria que cai por terra com a histórica visita de Estado do Presidente dos Estados Unidos a Cuba. Ao aterrar em Havana, Barack Obama também atira para estudo nos compêndios a chamada Doutrina Monroe, ao abrigo da qual Washington se reservava o direito de intervir, activamente, na escolha dos governos e no desenho das políticas da América Latina.

Com a normalização das relações diplomáticas entre os EUA e Cuba, a Casa Branca levantou um dos principais (se calhar, mesmo o maior) obstáculos ao estabelecimento de uma nova fase na relação de Washington com os vizinhos continentais latino-americanos. “É sem dúvida uma nova prioridade para a Administração norte-americana e uma oportunidade estratégica muito grande para os Estados Unidos”, explica o director do Centro Adrienne Arsht para a América Latina do Atlantic Council, Peter Schechter.

O novo paradigma foi anunciado por Obama pouco depois de tomar posse, quando participou pela primeira vez numa cimeira das Américas. Em 2009, ainda era a desconfiança ostensiva e o antiamericanismo que dominavam as relações dos EUA com os países da região – onde líderes como o carismático Hugo Chávez denunciavam diariamente os malefícios do “capitalismo ian-

que”. De então para cá, inverteu-se o ciclo que beneficiou as economias assentes nas exportações de matérias-primas, do Brasil à Argentina, da Bolívia ao Equador e à Venezuela, e alterou-se a dinâmica política regional, com o bloco de esquerda populista a perder terreno.

A postura norte-americana também mudou: Barack Obama provou, logo quando surgiu a primeira crise regional, com um golpe de Estado nas Honduras (Junho de 2009), que a sua abordagem era, de facto, diferente do passado, e que o seu modelo seria de não-intervenção. Ao estender a mão a Cuba, o Presidente norte-americano alargou a margem para que os países “amigos” dos EUA pudessem aprofundar essa amizade abertamente, e desarmou os adversários e críticos que insistiam na “vergonha” do bloqueio para alimentar o braço-de-ferro e a divisão regional.

Com o mapa-mundo repleto de focos de crise – na União Europeia, na Turquia e Síria, no Médio Oriente –, a América Latina assume uma nova importância e apresenta-se como um novo eixo para o sucesso da política externa dos EUA. “É uma vasta área que compartilha os mesmos valores ocidentais, que não tem guerra e que cresce: é, aliás, a área de intercâmbio comercial de maior crescimento com os EUA”, assinala Schechter, que encara a visita de Obama a Cuba, e logo a seguir à Argentina, como os dois lados da mesma moeda. “É muito simbólico do regresso da América Latina à órbita do interesse comum com os Estados Unidos.”



Abertura a Cuba desarmou críticos e abriu nova fase na região